

CONDUTAS VIOLENTAS LETAIS INTENCIONAIS NO RN (2011-2018): PERFIS DOS HOMICÍDIOS E SUA EMINENTE URBANIDADE

Ivenio Hermes¹
Thadeu de Sousa Brandão²

¹Mestre em Cognição, Tecnologias e Instituições pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFRSA, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Demografia – PPGDEM da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Coordenador de Bancos de Dados do OBVIO – Observatório da Violência do Rio Grande do Norte, Instituto Marcos Dionísio de Pesquisa, Coordenador de Análises Criminais da Secretaria Estadual da Segurança Pública e da Defesa Social do RN e Membro Sênior do Fórum Brasileiro de Segurança Pública – FBSP.

²Sociólogo, com graduação mestrado e doutorado em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais PPGCS/UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte). Professor Associado do Departamento de Ciências Humanas da UFRSA (Universidade Federal Rural do Semi-Árido). Coordenador do Grupo de Estudos em Ideologia, Cultura e Sociedade e Pesquisador do OBVIO – Observatório da Violência do Rio Grande do Norte, Instituto Marcos Dionísio de Pesquisa.

Abstract: *A scientific study of violence with criminal analysis complexity, using the analytical statistical tool as a mean of increasing the subjective argument to reveal the essential characteristics of the victims, their origins, where were victimized and other key aspects for understanding the process of violence ending killed deaths of population born in passing and / or resident in Rio Grande do Norte, over a period of 8 years (2011-2018). The deaths caused by intentional lethal violent conduct are accounted for Metadata Methodology, interpolating various sources, which together map concatenated form the numbers of such violence.*

Keywords: *CVLI, Metadata Methodology Map of Violence, Criminal Analysis Complexity, Rio Grande do Norte.*

INTRODUÇÃO

As condições hodiernas da Segurança Pública do Rio Grande do Norte são o resultado de anos de agravamento de sérios problemas, no que se referem a sua estrutura de capital humano (número insuficiente de policiais militares e civis, peritos e agentes prisionais), sua estrutura de inteligência e capacidade de planejamento e ação estratégica disfuncional, ambos fundamentais para a contenção da sensação de insegurança quanto à quantidade imensa de roubos e assaltos, arrastões, tráfico de entorpecentes ilícitos e homicídios. O agravamento fiscal e previdenciário do Estado do Rio Grande do Norte impossibilita, a curto e médio prazo, estratégias de soluções da totalidade do problema.

Assim, tendo em vista os grandes desafios da Segurança Pública e da Defesa Social do Estado do Rio Grande do Norte, principalmente no que se referem aos seus recursos humanos e materiais, torna-se imperioso ultrapassar o limite das velhas ações na área e pautar, através do uso da informação e da inteligência, novas diretrizes e formas de

coordenação de ações que possibilitem alcançar resultados permanentes no combate à criminalidade violenta e homicida.

Não há de se confundir a natureza da “estatística comercial” e da informação vaga e que hoje se aplica na Segurança Pública do RN e na maior parte do Brasil. O que deve ser buscado realizar é análise criminal diagnóstica e aprofundada, para auferir como se processam os fundamentos das atividades criminais, como se dá a dinâmica da criminalidade em termos temporais, geográficos e criminológicos. A estatística e as informações qualitativas coletadas devem ser sempre pensadas enquanto ferramentas, e não como finalidades na Segurança Pública.

A partir de uma percepção de que políticas públicas de segurança nunca foram o mote para se iniciar qualquer estratégia de segurança pública, entendemos que a violência e a criminalidade homicida precisam ser percebidas de várias formas, por isso adotamos os seguintes métodos no mapeamento estatístico.

Adotando o ano como fator de comparação e a métrica sendo o número absoluto de vítimas, nas tabelas, analisadas no sentido horizontal cada subtipo estudado, verificando na coluna % Total a parcela percentual que cada subtipo, em seus respectivos períodos, possui dentro do cômputo geral.

Nas colunas % **2011-2014**, analisamos a variação entre 2011 e 2014, e, por conseguinte, nas colunas % **2015-2018**, analisamos a variação entre 2015 e 2018, e finalmente, nas colunas % **2011-2018**, analisamos a variação total no período de 8 anos estudados.

TABELA X (EXEMPLO) Condutas violentas letais intencionais por gênero.

O B V I O OBSERVATÓRIO DA VIOLÊNCIA DO RIO GRANDE DO NORTE													
Condutas Violentas Letais Intencionais	Evolução Anual									Variação			
	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2011-2018	% Total	% 2011-2014	% 2015-2018	% 2011-2018
Masculino	1.024	1.154	1.551	1.648	1.559	1.886	2.248	1.844	12.914	93,6%	60,9%	18,3%	80,1%
Feminino	71	69	112	123	111	108	160	109	863	6,3%	73,2%	-1,8%	53,5%
Ignorado	4	1	2	1	0	2	0	3	13	0,1%	-75,0%	NA	-25,0%
Total	1.099	1.224	1.665	1.772	1.670	1.996	2.408	1.956	13.790	100,0%	61,2%	17,1%	78,0%

Período de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2018

Fontes consolidadas via Sistema Metadados: ITEP; DATASUS; SISOB; CIOSP, COINE e MPE

A título de exemplo, na “Tabela X,” sabemos que a massa total de CVLIs de pessoas do gênero masculino em 2014 foi de 1.648, o que corresponde perto 93% do total de 12.912 CVLIs desse recorte de gênero nesse período de oito anos. Além disso, ainda no gênero masculino como exemplo, podemos observar que entre 2011 e 2014 houve um aumento de 60,9%, entre 2015 e 2018 um aumento de 18,3% e no período total, ou seja, entre 2011 e 2018 houve um aumento de 80,1%.

Para o entendimento dos gráficos, a orientação será essencialmente visual, como no Gráfico 01, onde o leitor e estudioso poderá intuir as variações pela simples observação das colunas dos subtipos abordados.

Importante ressaltar que a fórmula estatística utilizada é a variação simples, considerando o primeiro e o último ano da série histórica. Qualquer tabela especial, infográfico ou gráfico que apareça neste estudo que não se adequem aos modelos acima representados terão sua explicação na própria página onde for publicada. Cada seção desse estudo receberá o título de Modelagem, uma vez que a realidade contextual que estudamos recebe a modelagem científica específica para que haja um entendimento perceptivo da criminalidade e da violência homicida e como estas afetam a segurança pública.

As informações apresentadas são oriundas de dados filtrados, interpolados e concatenados por meio da Metodologia Metadados, cujo estudo cobre o período de 1 de janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2018. O Banco de Dados do OBVIO – Observatório da Violência do Rio Grande do Norte é obtido por meio do tratamento interpolado e parametrizado de dados de diversas fontes, num processo denominado Plataforma Multifonte criado por Ivenio Dieb Hermes e Marcos Dionísio Medeiros Caldas (2014). Para a construção de conceitos e diagnósticos contextuais de complexidade, a consolidação dos dados e a produção das informações são feitas por meio da Metodologia Metadados, concatenando conhecimentos de saberes diversos de forma dinâmica e integrada para a celeridade e a devida credibilidade dos resultados. A Metodologia Metadados constitui numa forma de trabalho e levantamento de dados quantitativos através do cruzamento de várias bases de dados distintas. A mesma foi pensada e implementada ao longo dos anos 2011 a 2016, quando da consolidação do OBVIO RN e resultou na ferramenta hoje utilizada pelo Observatório da Violência do Rio Grande do Norte para o intercruzamento, interpolação e aferimento dos microdados das condutas violentas letais intencionais (CVLIs).

O Observatório da Violência do RN, Instituto Marcos Dionísio Medeiros Caldas é uma organização sem fins lucrativos, voltada à pesquisa empírica e à análise da violência em seus mais variados matizes. Cumprindo seu papel público, e de forma gratuita e transparente, entrega à sociedade norte-rio-grandense mais uma publicação, desta feita, mais um anuário apontando os dados da violência letal potiguar do ano de 2011 até o ano de 2018.

PERFIL DAS VÍTIMAS DE CVLIS NO RN E SUA “URBANIDADE” EMINENTE

A vitimização quanto ao gênero no RN, acompanha tanto a tendência mundial quanto a brasileira, onde mais de 93% das mortes violentas ocorrem com pessoas do gênero masculino. No RN as taxas de vitimização masculinas crescem continuamente, subindo em mais de 60% entre 2011 a 2014, passando por um decréscimo entre 2015 e 2018 2016 com aumento de pouco mais de 18%, perfazendo no período estudado (2011-2018) um aumento de mais de 80%. No mesmo íterim e seguindo a mesma dinâmica, a taxa de vitimização de mulheres, embora pequena em termos absolutos (cerca de 6%), cresceu significativamente entre 2011 e 2014 em mais de 60%, mantendo o crescimento anual de mais de 18% entre 2015 e 2018. No período supracitado (2011 a 2018), foram 13.798 CVLIS, com 12.912 de homens contra 862 de mulheres. O ano mais violento para ambos os sexos foi o ano de 2017, onde foram contabilizadas 2.246 mortes de homens e 160 mortes violentas de mulheres.

TABELA 01 Condutas violentas letais intencionais por gênero

O B V I O OBSERVATÓRIO DA VIOLÊNCIA DO RIO GRANDE DO NORTE													
Condutas Violentas Letais Intencionais	Evolução Anual									Variação			
	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2011-2018	% Total	% 2011-2014	% 2015-2018	% 2011-2018
Masculino	1.024	1.154	1.551	1.648	1.559	1.886	2.248	1.844	12.914	93,6%	60,9%	18,3%	80,1%
Feminino	71	69	112	123	111	108	160	109	863	6,3%	73,2%	-1,8%	53,5%
Ignorado	4	1	2	1	0	2	0	3	13	0,1%	-75,0%	NA	-25,0%
Total	1.099	1.224	1.665	1.772	1.670	1.996	2.408	1.956	13.790	100,0%	61,2%	17,1%	78,0%

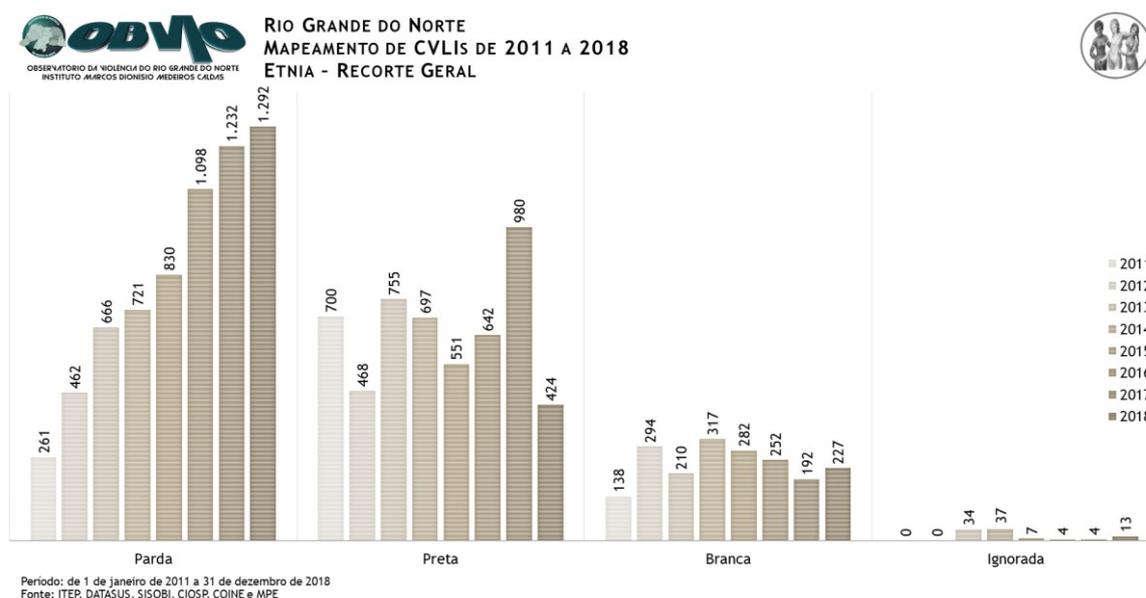
Período de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2018

Fontes consolidadas via Sistema Metadados: ITEP; DATASUS; SISOB; CIOSP, COINE e MPE

A variação total da mortalidade, no que concerne ao gênero, foi de mais de 80% no caso dos homens e mais de 52% no caso das mulheres no período 2011-2018. Além da

maior exposição das vítimas masculinas, uma das macrocausas apontadas para o fenômeno é o fato de que são os homens os maiores perpetradores de violência, assim como maiores atores presentes em “gangues”, grupos de rixa, assim como no caso de pequenos e médios delinquentes. A maior exposição de uma “masculinidade” violenta, a episódios, locais e eventos de riscos, aumenta a gradiente de mortandade desse gênero. Quando às mortes matadas de mulheres, a taxa geral está dentro da média, ou seja, em cerca de 6% das vítimas (média internacional é de variação de 4 a 6% nos países onde há coleta desse tipo de dado). Mesmo assim, os femicídios e feminicídios cresceram no período em mais de 50%, o que aponta duas possibilidades: uma maior visibilidade do fenômeno ou o arraigamento de uma cultura “hipermachista” que tende a solucionar os conflitos interpessoais dos casais (em seus mais variados formatos) por meio de mortes violentas.

GRÁFICO 01 Condutas violentas letais intencionais por etnia com recorte geral



Também seguindo o padrão nacional e, em determinadas nações com altas taxas de desigualdade socioeconômicas e padrões raciais excludentes – como os Estados Unidos da América, que apesar de apresentarem médias de cerca de oito CVLIs por 100 mil habitantes, está muito acima dos países desenvolvidos –, o RN tem em sua população parda e negra a maioria absoluta (cerca de 86%) das vítimas de CVLI. Mesmo as variações das taxas de homicídios anuais sempre apresentam maior crescimento entre essas populações (somente entre os pardos chegamos a um crescimento vertiginoso de 394% no período de 2011 a 2018). Esses grupos são os mais fragilizados economicamente e, como já mostraram vários estudos na área, tendem a morar nas áreas periféricas mais expostas à ação da criminalidade, assim como fatores que se agregam: baixa escolaridade e baixa renda.

O período de 2011-2018 teve a maior variação do período tanto para as populações de etnia parda (mais de 394%), enquanto especificamente o da negra sofreu decréscimo de cerca de 40%. A etnia branca apresentou aumento global no período supracitado de mais de 64%. Há um novo fenômeno a ser observado quando a questão da identidade das vítimas no tocante à etnia: o que mostra que ou estamos visualizando uma menor

identificação por parte dos órgãos responsáveis (Sistema de Saúde, ITEP, etc.) ou mesmo a totalidade das vítimas negras está sendo identificada como “pardas”. Por esse tipo de problema teórico-metodológico, o Mapa da Violência (WASELFISSZ, 2016) caracteriza ambas as etnias apenas como negra. Já a questão do aumento das vítimas brancas entra também no mesmo diapasão: a visão do agente identificador e mesmo uma maior letalidade de homens, jovens, pobres e moradores de periferia dessa etnia.

O estado civil da maioria das vítimas de CVLIs no Rio Grande do Norte – seguindo novamente o padrão nacional e internacional e já apontado exaustivamente em outros trabalhos deste Observatório – está intimamente ligado ao gênero e, como veremos, à faixa etária (jovens): majoritariamente constituída de solteiros (mais de 72%). Os homens solteiros (e jovens) tendem a se expor – voluntariamente ou não – a maiores situações de probabilidade de vitimização (tanto quanto ao deslocamento em certos espaços de sociabilidade e quanto ao horário). O que mostra a atenção no mapa deste ano, notadamente no período 2011-2018, foi o aumento de informações “ignoradas” na coleta das vítimas de CVLIs por parte dos órgãos estatais responsáveis (ITEP e saúde pública), chegando a mais de 172% de aumento.

Como os dados em geral apontam o aumento significativo de (1) homens, (2) pardo-negros e (3) solteiros, vem ocorrendo no RN a uma quase continuidade de 20% de um ano a outro a partir de 2011 com aumento significativo. O que aponta que as taxas de vitimização entre esse grupo devem dobrar a cada período de cinco anos (que foi o que ocorreu com a população total de vítimas de CVLIs no RN no quinquênio estudado). Porém, uma leve queda no segundo semestre de 2018 ainda precisa ser vista como se sustentável ou não e até quanto tempo isso pode continuar a ocorrer.

TABELA 02 Condutas violentas letais intencionais por estado civil

Estado Civil	Evolução Anual								Variação				
	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2011-2018	% Total	% 2011-2014	% 2015-2018	% 2011-2018
Solteiro(A)	867	937	1.227	1.262	1.327	1.430	1.522	1.474	10.046	72,8%	45,6%	11,1%	70,0%
Casado(A)	134	164	227	196	135	154	157	169	1.336	9,7%	46,3%	25,2%	26,1%
Ignorado	50	88	74	122	50	254	528	134	1.300	9,4%	144,0%	168,0%	168,0%
União Consensual	12	13	98	175	140	139	185	162	924	6,7%	1358,3%	15,7%	1250,0%
Divorciado(A)	29	4	17	12	12	11	7	12	104	0,8%	-58,6%	0,0%	-58,6%
Viuvo(A)	7	18	22	3	6	5	8	3	72	0,5%	-57,1%	-50,0%	-57,1%
Não Aplicável	0	0	0	2	0	3	1	2	8	0,1%	NA	NA	NA
Total	1.099	1.224	1.665	1.772	1.670	1.996	2.408	1.956	13.790	100,0%	61,2%	17,1%	78,0%

Período de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2018

Fontes consolidadas via Sistema Metadados: ITEP; DATASUS; SISOB; CIOSP, COINE e MPE

Seguindo o perfil já apontado nas variáveis e estudos anteriores, são os jovens as maiores vítimas de CVLIs no RN. Jovens de 18 a 29 anos constituem mais da metade, mas quando colocamos a faixa etária de adolescentes e jovens adultos (até 34 anos) essa taxa chega a impressionantes quase dois terços do total de vítimas. Ainda assim, o RN apresenta uma significativa presença de vítimas maiores de 35 anos, principalmente no comparativo com outros estados da federação, assim como o de vítimas adolescentes, entre 12 a 17 anos. Homens jovens, solteiros, pardos e negros constituem o perfil principal das vítimas de CVLIs no RN.

Importante lembrar sempre que o Brasil vivencia, há pelo menos três décadas um duro cotidiano de riscos e incertezas. Nossa "modernidade tardia" caracterizar-se-ia pela reprodução estrutural da exclusão social e pela disseminação das violências, com a consequente ruptura de laços sociais e a exclusão de várias categorias sociais, como a juventude, uma das grandes vítimas desse processo.

TABELA 03 Conduitas violentas letais intencionais por segmento etário baseado nos critérios da OMS - Organização Mundial de Saúde

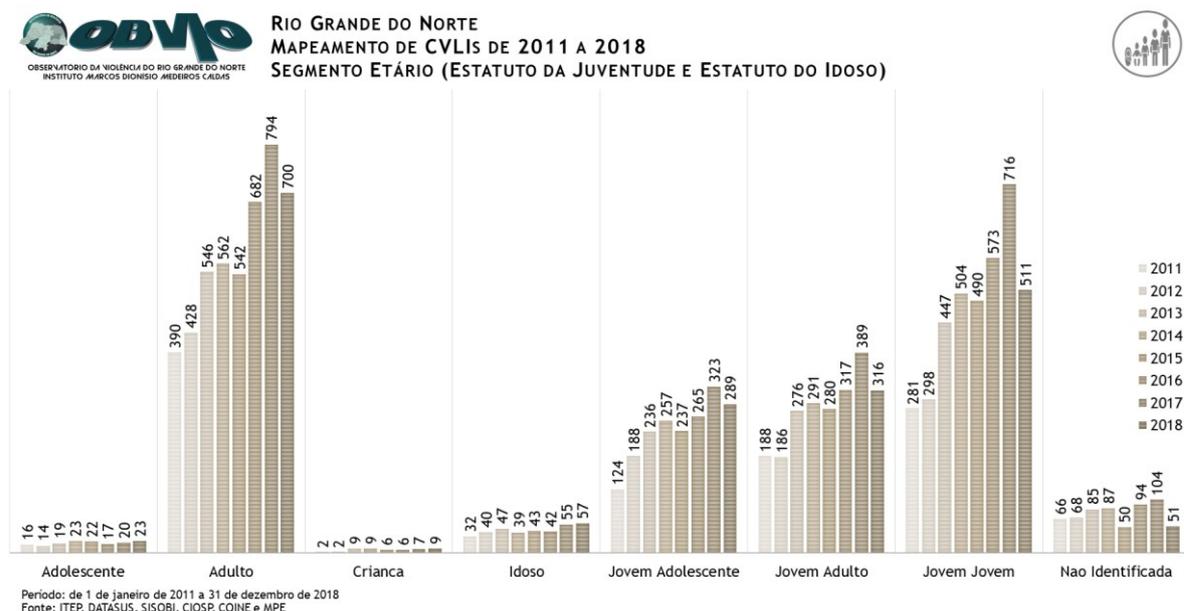
Faixa Etária Conforme OMS	Evolução Anual									Variação			
	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2011-2018	% Total	% 2011-2014	% 2015-2018	% 2011-2018
0 A 11	2	2	9	9	6	6	7	9	50	0,4%	350,0%	50,0%	350,0%
12 A 17	102	150	183	184	189	182	237	194	1.421	10,3%	80,4%	2,6%	90,2%
18 A 24	319	350	519	600	560	673	822	629	4.472	32,4%	88,1%	12,3%	97,2%
25 A 29	188	186	276	291	280	317	389	316	2.243	16,3%	54,8%	12,9%	68,1%
30 A 34	144	145	198	215	180	241	295	235	1.653	12,0%	49,3%	30,6%	63,2%
35 A 64	256	295	366	356	383	455	525	486	3.122	22,6%	39,1%	26,9%	89,8%
65 Ou+	22	28	29	30	22	28	29	36	224	1,6%	36,4%	63,6%	63,6%
Não Identificada	66	68	85	87	50	94	104	51	605	4,4%	31,8%	2,0%	-22,7%
Total	1.099	1.224	1.665	1.772	1.670	1.996	2.408	1.956	13.790	100,0%	61,2%	17,1%	78,0%

Período de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2018

Fontes consolidadas via Sistema Metadados: ITEP; DATASUS; SISOBI; CIOSP, COINE e MPE

Fundamental frisar que os jovens vivenciam um processo de transição para a vida adulta, cada vez mais tardia em nosso momento civilizatório, quando então sua agressividade (*pulsão*) tem o caráter positivo de habilitá-los a se autonomizarem e a ocuparem um lugar no espaço social. Assim, uma das características marcantes nos adolescentes atuais é a incerteza do emprego, assim como o exercício e a vivência da agressividade e da violência.

GRÁFICO 02 Conduitas violentas letais intencionais por segmento etário baseado nos critérios do ECA – Estatuto da Juventude e do Adolescente e Estatuto do Idoso



Os dados de homicídios das últimas três décadas mostram uma tendência de generalização da violência. Considerando todo o período estudado, houve um contínuo aumento das mortes de jovens e adultos jovens, sobretudo do sexo masculino, por CVLIs. Há uma sobremortalidade masculina (adulta) e juvenil.

Sociologicamente falando, a violência configura-se como forma de linguagem e como norma social para algumas categorias sociais, em contraposição às chamadas normas "civilizadas", pautadas pelo autocontrole e pelo controle social institucionalizado. No Brasil, sociedade em processo de "globalização", efetiva-se uma pluralidade de

diferentes tipos de normas sociais, podendo-se ver aí uma simultaneidade de padrões de orientação da conduta muitas vezes divergentes e incompatíveis.

Desta forma, nos deparamos com uma forma de sociabilidade (ou anti?), a violência, que se configura como um dispositivo de controle, aberto e contínuo. Ela seria a relação social de excesso de poder que impede o reconhecimento do outro – indivíduo, classe, gênero ou raça – mediante o uso da força ou da coerção, provocando algum tipo de dano, um dilaceramento de sua cidadania, e configurando o oposto das possibilidades da sociedade democrática contemporânea. Envolve também uma polivalente gama de dimensões materiais, corporais e simbólicas agindo de modo específico na coerção com dano que se efetiva.

Uma novidade nos dados é o aumento no período de 2011 a 2018 no morticínio de crianças (350% a mais), assim como no de idosos (75% a mais). Mas em todas as categorias analisadas houve aumento brutal no período, marcadamente sem queda em nenhum segmento.

A sociedade, de modo geral, não reconhece que o adolescente está em um processo de transição para a vida adulta, quando sua agressividade é necessária para ele encontrar um lugar no espaço social. Aos jovens, provavelmente, tem faltado esse reconhecimento por parte das instituições socializadoras: trata-se de salientar a quebra do sentido da escola como dispositivo de socialização para a vida e para o trabalho, bem como a necessidade de construir o reconhecimento social dos jovens, pela afirmação de sua autoestima e de seu prestígio social na sociedade.

TABELA 04 Condutas violentas letais intencionais por segmento etário baseado nos critérios do ECA – Estatuto da Juventude e do Adolescente e Estatuto do Idoso

Faixa Etária Conforme EJU/Idoso	Evolução Anual									Variação			
	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2011-2018	% Total	% 2011-2014	% 2015-2018	% 2011-2018
Adolescente	16	14	19	23	22	17	20	23	154	1,1%	43,8%	4,5%	43,8%
Adulto	390	428	546	562	542	682	794	700	4.644	33,7%	44,1%	29,2%	79,5%
Criança	2	2	9	9	6	6	7	9	50	0,4%	350,0%	50,0%	350,0%
Idoso	32	40	47	39	43	42	55	57	355	2,6%	21,9%	32,6%	78,1%
Jovem Adolescente	124	188	236	257	237	265	323	289	1.919	13,9%	107,3%	21,9%	133,1%
Jovem Adulto	188	186	276	291	280	317	389	316	2.243	16,3%	54,8%	12,9%	68,1%
Jovem Jovem	281	298	447	504	490	573	716	511	3.820	27,7%	79,4%	4,3%	81,9%
Não Identificada	66	68	85	87	50	94	104	51	605	4,4%	31,8%	2,0%	-22,7%
Total	1.099	1.224	1.665	1.772	1.670	1.996	2.408	1.956	13.790	100,0%	61,2%	17,1%	78,0%

Período de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2018

Fontes consolidadas via Sistema Metadados: ITEP; DATASUS; SISOBI; CIOSP, COINE e MPE

Vivemos um verdadeiro "genocídio" juvenil: jovens, negro-pardos, pobres, com baixa escolaridade e moradores de periferias. O perfil pouco muda e se altera nessas três décadas. Da faixa de 16 a 24 anos, o grosso das vítimas vai se consumindo. Quanto aos perpetradores, este quase que também pode ser considerado o perfil. O problema é que nossos homicídios são poucos investigados. Quando o são, poucas investigações são exitosas. Temos um quadro de homicídios perpetrados pelo próprio Estado e seus agentes que é difícil de investigar. Esse vácuo analítico custa caro ao RN e ao seu futuro.

A variável renda é também um elemento fundamental na construção do perfil da vítima das CVLIs no Rio Grande do Norte. Acompanhando a dinâmica nacional, são as pessoas sem renda ou com renda até dois salários mínimos as mais vitimadas. Mais de 90% das vítimas de CVLIs se enquadram nas classes E, D e C (sendo esta última a minoria da classe estatística apontada). No grupo de renda mais alta (acima de 08 salários mínimos) representam menos de 1% do total. Ou seja, quanto maior a renda, menor a

chance de vitimização e maior a proteção quanto à violência homicida. Efetivamente, são os mais carentes e de menor renda – popularmente denominados de mais fragilizados economicamente – são o extrato de onde saem a absoluta maioria das vítimas e, são os mais abastados e de maior renda o extrato de menor vitimização no Rio Grande do Norte.

TABELA 05 Condutas violentas letais intencionais por renda estimada

O B V I O OBSERVATÓRIO DA VIOLÊNCIA DO RIO GRANDE DO NORTE													
Renda Estimada	Evolução Anual									Variação			
	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2011-2018	% Total	% 2011-2014	% 2015-2018	% 2011-2018
Sem Atividade Remunerada	796	541	808	919	749	1.140	1.605	928	7.486	54,3%	15,5%	23,9%	16,6%
Ate 1 Salario Minimo	101	285	388	355	328	304	282	278	2.321	16,8%	251,5%	-15,2%	175,2%
Ate 2 Salarios Minimos	173	323	369	390	467	447	412	454	3.035	22,0%	125,4%	-2,8%	162,4%
Ate 4 Salarios Minimos	23	63	72	74	82	84	80	259	737	5,3%	221,7%	215,9%	1026,1%
Ate 6 Salarios Minimos	4	2	14	18	15	8	7	12	80	0,6%	350,0%	-20,0%	200,0%
Ate 8 Salarios Minimos	1	8	14	15	28	13	21	23	123	0,9%	1400,0%	-17,9%	2200,0%
Ate 10 Salarios Minimos	0	2	0	0	0	0	1	0	3	0,0%	NA	NA	NA
Acima De 10 Salarios Minimos	1	0	0	1	1	0	0	2	5	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
Total	1.099	1.224	1.665	1.772	1.670	1.996	2.408	1.956	13.790	100,0%	61,2%	17,1%	78,0%

Período de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2018

Fontes consolidadas via Sistema Metadados: ITEP; DATASUS; SISOBI; CIOSP, COINE e MPE

Na variação no período de 2011-2018, importa apontar o contundente aumento de CVLIs nos extratos de maior renda (entre seis e oito salários mínimos – de 200 a 2000%) e a manutenção das mesmas taxas (em vários períodos) ou com aumento pequeno nos demais extratos. Longe de apontar diminuição dos CVLIs, o que a variação aponta é a permanência dos indivíduos dos mesmos extratos de renda entre as vítimas de CVLIs.

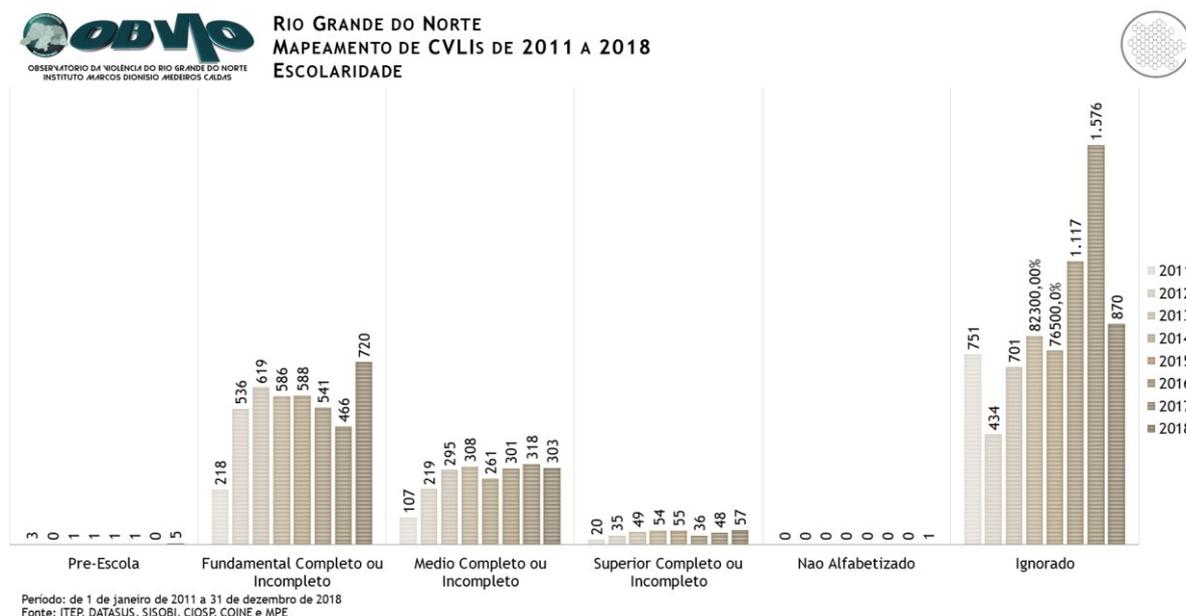
Nas periferias e favelas a violência, impedida de ser isolada, se torna cotidiana e familiar, onde a única arma contra a mesma é permitir que a promiscuidade e o hábito tecessem redes de conformismo. Hoje se convive com uma “naturalidade” fatalista acerca da convivência entre a riqueza e a pobreza (desigualdade), como se essas fossem uma condição necessária do modo de ser da sociedade humana.

A violência é eminentemente social. Mas aqui, **por violência social, referimo-nos a atos que atingem determinados grupos sociais ou segmentos específicos**. Daí que, cada sociedade pratica determinadas modalidades específicas de violência, de acordo com sua cultura e modelo societário. Pobreza, mortalidade infantil, baixíssimos índices educacionais, analfabetismo, falta de saneamento básico, favelização, precarização da saúde, desemprego, etc., são exemplos dessa modalidade de violência e onde a renda torna-se um elemento importante a ser pensado.

Na variável escolaridade, importa mostrar a sua correlação com as demais variáveis já mostradas, principalmente renda e ocupação. Quanto menor a escolaridade e mais precária a ocupação, maior a vitimização.

Oposto a isso, quanto maior a escolaridade e menos informal a ocupação, menor a vitimização. Os extratos de escolaridade ensino fundamental e médio abarcam quase 45% do total. Somando com o extrato “ignorada/indefinida” – que aponta para também formação escolar insuficiente e incompleta – mais de 97% das vítimas de CVLIs não possuem nível superior. Como apontamos anteriormente, acerca da renda, impõe-se o cuidado em não levar em conta a questão de que, mesmo indivíduos de renda alta cometem crimes, mas nos casos dos CVLIs, as maiores vítimas e de maior estado de vulnerabilidade são exatamente as de menor escolaridade e renda. O mesmo impacto se dá nas ocupações: as menores rendas se ligam às ocupações mais precarizadas (ambulantes, informais, construção civil, desempregados, empregados domésticos, “estudantes” – que em geral denota, no caso, não ocupação).

GRÁFICO 03 Condutas violentas letais intencionais por escolaridade



No que tange à variação das vítimas de CVLIs no período quanto à sua escolaridade os dados apontam aumento significativo entre os indivíduos com formação “ignorada/indefinida” em pouco mais de 16%, enquanto o extrato com formação “superior” mostrou aumento significativo de 185%. Ainda assim, dado a magnitude dos dados brutos, quanto maior a renda, menores as chances de vitimização letal dos indivíduos.

A questão da localização criminal, ou seja, o “geoprocessamento” dos CVLIs deve ser tratado com a máxima cautela, assim como os demais elementos apresentados. Isto porque, tende-se a imputar a certos espaços, principalmente os periféricos, o estigma de serem locais “perigosos”, não deixando perceber que, numa sociedade de padrões criminais contemporâneos, todas as áreas dos grandes aglomerados urbanos possuem taxas de criminalidade alta, sendo o diferenciador a notificação alta (no caso dos homicídios de demais CVLIs) ou com extrema subnotificação (como a maioria dos crimes). Nossa preocupação é sempre procurar permitir a visualização cuidadosa e a percepção de que existem áreas mais fragilizadas que merecem, por isso, enfrentamento múltiplo e complexo. O que até agora jamais foi feito, em termos de combate aos CVLIs.

A propagação e distribuição de CVLIs no período até o dia 31 de dezembro dos anos de 2011 a 2018 dão mostras claras do contínuo crescimento das condutas violentas intencionais no Rio Grande do Norte.

GRÁFICO 04 Condutas violentas letais intencionais por mesorregião potiguar

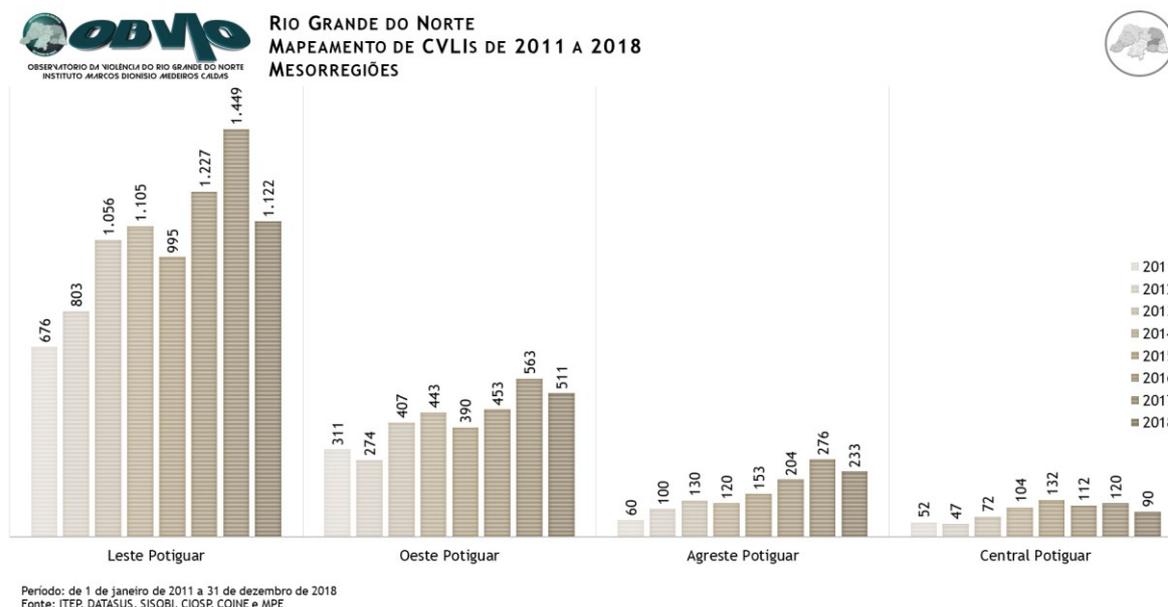


Tabela 06 CONDUTAS VIOLENTAS LETAIS INTENCIONAIS POR MICRORREGIÃO POTIGUAR

Microrregião	Evolução Anual									Variação			
	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2011-2018	% Total	% 2011-2014	% 2015-2018	% 2011-2018
Natal	498	587	733	758	674	793	842	646	5.531	40,1%	52,2%	-4,2%	29,7%
Macaíba	144	179	278	273	255	345	472	341	2.287	16,6%	89,6%	33,7%	136,8%
Mossoro	208	166	242	263	219	260	329	290	1.977	14,3%	26,4%	32,4%	39,4%
Agreste Potiguar	25	47	67	58	69	91	147	145	649	4,7%	132,0%	110,1%	480,0%
Borborema Potiguar	28	36	43	43	57	62	73	53	395	2,9%	53,6%	-7,0%	89,3%
Vale Do Acu	30	36	40	59	49	45	64	63	386	2,8%	96,7%	28,6%	110,0%
Litoral Sul	18	23	28	49	44	45	60	99	366	2,7%	172,2%	125,0%	450,0%
Umarizal	29	29	47	44	35	35	55	48	322	2,3%	51,7%	37,1%	65,5%
Chapada Do Apodi	13	12	35	23	34	49	45	56	267	1,9%	76,9%	64,7%	330,8%
Serido Ocidental	24	11	23	40	51	41	36	30	256	1,9%	66,7%	-41,2%	25,0%
Litoral Nordeste	16	14	17	25	22	44	75	36	249	1,8%	56,3%	63,6%	125,0%
Baixa Verde	7	17	20	19	27	51	56	35	232	1,7%	171,4%	29,6%	400,0%
Serido Oriental	11	20	19	27	40	22	36	15	190	1,4%	145,5%	-62,5%	36,4%
Pau Dos Ferros	15	15	23	22	23	34	27	30	189	1,4%	46,7%	30,4%	100,0%
Macaú	6	12	10	16	18	29	19	22	132	1,0%	166,7%	22,2%	266,7%
Medio Oeste	10	8	15	14	18	12	25	14	116	0,8%	40,0%	-22,2%	40,0%
Serra De Sao Miguel	6	8	5	18	12	18	18	10	95	0,7%	200,0%	-16,7%	66,7%
Angicos	7	2	15	12	14	11	17	3	81	0,6%	71,4%	-78,6%	-57,1%
Serra De Santana	4	2	5	9	9	9	12	20	70	0,5%	125,0%	122,2%	400,0%
Total	1.099	1.224	1.665	1.772	1.670	1.996	2.408	1.956	13.790	100,0%	61,2%	17,1%	78,0%

Período de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2018

Fontes consolidadas via Sistema Metadados: ITEP, DATASUS, SISOB, CIOSP, COINE e MPE

A Mesorregião Leste Potiguar, onde se encontra a Capital Natal e sua Região Metropolitana, segue em seu crescimento contínuo, com crescimento médio anual de cerca de mais de 65% no período apontado, fazendo com que os CVLIs praticamente dobrassem no período estudado. Seguida pela região Oeste, notadamente a cidade de Mossoró e seu entorno com também 65% de aumento no período, servindo também como polo atrativo da criminalidade que tem seu fluxo migratório em círculo.

A maior variação do período supracitado ocorreu na Mesorregião Agreste Potiguar, com 294% de aumento no período. A menor variação, apesar de que, em termos absolutos foi a que mais cresceu, foi a Leste, com 65,2% de aumento médio no período (apontando a concentração de reforços na região).

Na liderança do crescimento dos CVLIs, a distribuição espacial obedece, em números absolutos a seguinte lógica: Natal e sua Região Metropolitana, com cerca de mais de 70% dos CVLIs, seguida de Mossoró e seu entorno com cerca de 20% dos CVLIs e as demais regiões com o restante das ocorrências (10%).

Lembramos que a Região Metropolitana de Natal, composta por 12 municípios, sendo dois deles da Região Agreste e 10 da Região Leste, destacando ainda que a maioria dos municípios limítrofes de Natal obtiveram aumentos elevados variando entre 30% a 480%, o que comprova a cadeia de retroalimentação da violência.

A dinâmica homicida segue, no caso dos polos turísticos do RN, a mesma espacialidade das microrregiões, o que é obviamente atestado pelo fato de que é a Costa das Dunas (que circunda a Região Metropolitana de Natal) e a Costa Branca (nas proximidades de Mossoró) que são as mais atingidas por altas taxas de CVLIs. Ao mesmo tempo, se recortássemos cada pequena área turística (como mostraremos nos casos dos municípios ou dos bairros destes), verifica-se que a maior parte dos “corredores turísticos” está fora da imensa mortandade homicida do RN. As áreas turísticas, embora alvos de outros tipos de crimes terminem não sendo regiões de alta incidência de homicídios.

Em estudo realizado na Cidade de Mossoró e já mostrado por nós em outros momentos, por exemplo, foi apontado que a violência homicida ocorre, em sua maioria, fora dos espaços frequentados pela classe média e elites locais, e que os espaços de atração e de destinação pretensamente turísticos estão concentrados em áreas consideradas nobres da cidade. O estudo concluiu, portanto, que os espaços da violência homicida não coincidem com os espaços luminosos que são pretensos ao turismo local (BRANDÃO, COSTA, 2015).

TABELA 07 Condutas violentas letais intencionais por polo turístico

Polo Turístico	Evolução Anual									Variação			
	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2011-2018	% Total	% 2011-2014	% 2015-2018	% 2011-2018
Costa Das Dunas	666	790	1.041	1.086	993	1.213	1.438	1.095	8.322	60,3%	63,1%	10,3%	64,4%
Costa Branca	234	191	272	308	262	315	385	364	2.331	16,9%	31,6%	38,9%	55,6%
Serido	37	36	41	70	94	68	80	51	477	3,5%	89,2%	-45,7%	37,8%
Agreste/Trairi	32	39	57	49	61	62	72	59	431	3,1%	53,1%	-3,3%	84,4%
Serrano	24	25	39	45	49	70	61	66	379	2,7%	87,5%	34,7%	175,0%
Nao E Polo Turistico	106	143	215	214	211	268	372	321	1.850	13,4%	101,9%	52,1%	202,8%
Total	1.099	1.224	1.665	1.772	1.670	1.996	2.408	1.956	13.790	100,0%	61,2%	17,1%	78,0%

Período de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2018

Fontes consolidadas via Sistema Metadados: ITEP; DATASUS; SISOB; CIOSP, COINE e MPE

Natal, a capital do estado do RN, é a campeã absoluta no número de CVLIS em números absolutos. Mais de terço dos CVLIS ocorridos no estado no período analisado aconteceram em seus domínios. Maior população, maior economia, maior dinâmica urbana e, principalmente, maior desigualdade estrutural e social. Não é a pobreza o elemento chave, mas a correlação entre desigualdade material e crescimento econômico sem acompanhamento do incremento das políticas públicas necessárias (renda, emprego, educação, saúde, lazer, segurança pública e justiça). Como será mostrado mais adiante, Natal concentra também as maiores áreas periféricas de desigualdade aguda, amplificadas com a conurbação com as áreas periféricas de municípios de sua Região Metropolitana.

As cidades seguintes seguem, basicamente, a mesma lógica. Perceba, ao mesmo tempo, como a dinâmica homicida segue o critério de população e crescimento econômico

mais desigualdade sócio estrutural geral. Mossoró, segunda cidade do estado é a segunda do ranking. Depois disto, a variação prossegue dependendo da proximidade com as áreas mais violentas ou com seu tamanho (como o caso da pequena Baraúna, no Oeste).

A maior parte dos municípios do RN, porém, quase não atestam notificações de CVLIs ou apresentam notificações extremamente baixas, condizentes com o padrão esperado pela ONU (Organização das Nações Unidas) o que mostra que a violência homicida segue um padrão urbano e extremamente ligado a certo modelo de desenvolvimento e de falta de estrutura, que envolve não apenas a questão habitacional, saúde, educação, mas também o amplo complexo do que se entende por Segurança Pública em todos os seus aspectos.

TABELA 08 Conduitas violentas letais intencionais nos municípios TOP 20

Municípios TOP 20	Evolução Anual								Variação				
	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2011-2018	% Total	% 2011-2014	% 2015-2018	% 2011-2018
Natal	411	457	584	590	506	583	622	483	4.236	30,7%	43,6%	-4,5%	17,5%
Mossoró	186	133	188	192	163	218	250	236	1.566	11,4%	3,2%	44,8%	26,9%
Parnamirim	77	95	126	138	135	175	155	113	1.014	7,4%	79,2%	-16,3%	46,8%
Sao Goncalo Do Amarante	54	49	52	78	78	103	131	120	665	4,8%	44,4%	53,8%	122,2%
Macaiba	35	38	111	72	67	68	98	92	581	4,2%	105,7%	37,3%	162,9%
Ceara-Mirim	25	34	48	57	55	89	146	56	510	3,7%	128,0%	1,8%	124,0%
Sao Jose De Mipibu	17	37	46	51	31	50	50	41	323	2,3%	200,0%	32,3%	141,2%
Extremoz	10	35	23	30	33	35	65	50	281	2,0%	200,0%	51,5%	400,0%
Caico	21	7	18	36	49	33	30	20	214	1,6%	71,4%	-59,2%	-4,8%
Nisia Floresta	13	21	21	15	24	35	47	32	208	1,5%	15,4%	33,3%	146,2%
Barauna	15	16	31	29	30	23	31	18	193	1,4%	93,3%	-40,0%	20,0%
Assu	20	13	19	27	19	23	28	34	183	1,3%	35,0%	78,9%	70,0%
Joao Camara	4	13	12	11	18	32	36	20	146	1,1%	175,0%	11,1%	400,0%
Santa Cruz	16	16	26	14	21	21	13	5	132	1,0%	-12,5%	-76,2%	-68,8%
Canguaretama	5	1	8	8	16	15	26	43	122	0,9%	60,0%	168,8%	760,0%
Areia Branca	2	8	13	25	10	15	20	16	109	0,8%	1150,0%	60,0%	700,0%
Caraubas	4	5	12	11	18	18	12	22	102	0,7%	175,0%	22,2%	450,0%
Apodi	7	4	15	8	12	13	20	20	99	0,7%	14,3%	66,7%	185,7%
Touros	8	5	5	10	5	22	25	7	87	0,6%	25,0%	40,0%	-12,5%
Monte Alegre	3	4	11	4	5	9	23	22	81	0,6%	33,3%	340,0%	633,3%
Outros	166	233	296	366	375	416	580	506	2.938	21,3%	120,5%	34,9%	204,8%
Total	1.099	1.224	1.665	1.772	1.670	1.996	2.408	1.956	13.790	100,0%	61,2%	17,1%	78,0%

Período de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2018

Fontes consolidadas via Sistema Metadados: ITEP; DATASUS; SISOB; CIOSP, COINE e MPE

As CVLIS precisam ser analisadas também em relação à dicotomia urbano-rural e às variadas formas que o solo é ocupado. Isso, na medida em que permitem visualizar sua dinâmica através das lentes das políticas públicas e das desigualdades urbanas, econômicas e sociais. A análise dos bairros é um elemento crucial neste processo. A fim de amostragem e de pertinência, trazemos aqui os bairros das onze cidades mais violentas do RN.

O corolário “desigualdade” e insegurança são notórios, não porque a pobreza traga a insegurança, mas porque a mesma, em áreas de forte dinâmica econômica no Brasil, está atrelada: a poucos investimentos em políticas públicas em geral; à moradias deficitárias; a baixos níveis de renda e emprego (assim como escolaridade); e a uma série de elementos desagregadores que tornam as áreas mais propícias à atuação de práticas desviantes violentas e de criminalidade. Importa lembrar que, em todos os casos que iremos apontar, a estrutura de segurança pública é não apenas deficitária, mas é praticamente a única presente do Estado nesses espaços de alta incidência de CVLIS.

As Regiões Metropolitanas (oficialmente a de Natal) e os perímetros urbanos (Mossoró em outro exemplo salutar) são os líderes absolutos na incidência de mortes violentas (58% do total). Praticamente dois terços das incidências ocorrem nesses espaços, apontando – como em outros momentos – a imensa correlação entre

desagregação sócio espacial e violência homicida. Chama a atenção às baixas taxas nas regiões litorâneas (embora nosso litoral seja razoavelmente extenso) e certa e preocupante taxa crescente no meio rural. Neste último, tivemos um crescimento médio de mais de 169%.

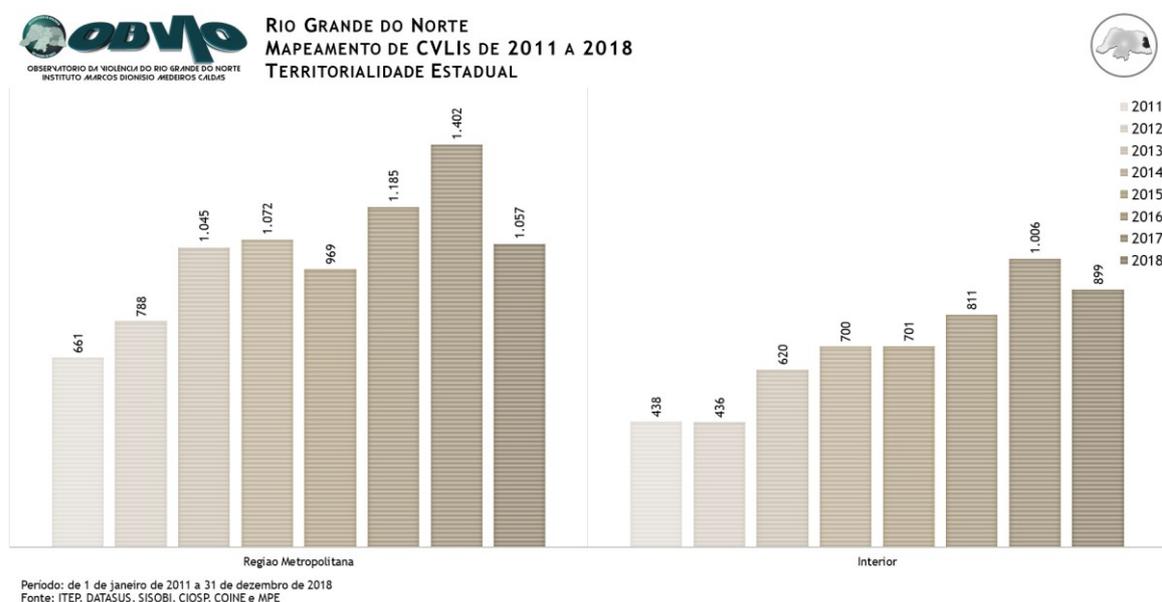
TABELA 09 Condutas violentas letais intencionais por taxa de ocupação do solo

Tipos De Ocupação Do Solo	Evolução Anual								Variação				
	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2011-2018	% Total	% 2011-2014	% 2015-2018	% 2011-2018
Metropolitana	661	788	1.045	1.072	969	1.185	1.402	1.057	8.179	59,3%	62,2%	9,1%	59,9%
Perimetro Urbano	334	301	442	515	478	610	750	616	4.046	29,3%	54,2%	28,9%	84,4%
Zona Rural	101	132	170	173	210	194	243	259	1.482	10,7%	71,3%	23,3%	156,4%
Litoral Norte	2	1	6	3	5	5	12	15	49	0,4%	50,0%	200,0%	650,0%
Litoral Sul	1	2	2	9	8	2	1	9	34	0,2%	800,0%	12,5%	800,0%
Total	1.099	1.224	1.665	1.772	1.670	1.996	2.408	1.956	13.790	100,0%	61,2%	17,1%	78,0%

Período de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2018

Fontes consolidadas via Sistema Metadados: ITEP; DATASUS; SISOBI; CIOSP, COINE e MPE

GRÁFICO 05 Condutas violentas letais intencionais por territorialidade estadual



Um adendo importante: o Litoral Norte, principalmente as praias ligadas à Barra de Maxaranguape e região de Ceará-Mirim viram um imenso crescimento dos CVLIS que, embora em números absolutos pareçam poucos, atingiram a marca de 650% de crescimento, superada ainda pelo Litoral Sul, aumentando em 700% (embora fique abaixo do Litoral Norte em números absolutos).

Como já exposto, as CVLIS precisam ser analisadas também em relação à dicotomia urbano-rural e às variadas formas que o solo é ocupado. Isso, na medida em que permitem visualizar sua dinâmica através das lentes das políticas públicas e das desigualdades urbanas, econômicas e sociais.

O corolário “desigualdade” e insegurança são notórios, não porque a pobreza traga a insegurança, mas porque a mesma, em áreas de forte dinâmica econômica no Brasil, está atrelada: a poucos investimentos em políticas públicas em geral; à moradias deficitárias; a baixos níveis de renda e emprego (assim como escolaridade); e a uma série de elementos desagregadores que tornam as áreas mais propícias à atuação de práticas desviantes violentas e de criminalidade. Importa lembrar que, em todos os casos que iremos apontar,

a estrutura de segurança pública é não apenas deficitária, mas é praticamente a única presente do Estado nesses espaços de alta incidência das CVLIS.

TABELA 10 Conduas violentas letais intencionais por territorialidade estadual

O B V I O OBSERVATÓRIO DA VIOLÊNCIA DO RIO GRANDE DO NORTE													
Territorialidade Estadual	Evolução Anual									Variação			
	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2011-2018	% Total	% 2011-2014	% 2015-2018	% 2011-2018
Região Metropolitana	661	788	1.045	1.072	969	1.185	1.402	1.057	8.179	59,3%	62,2%	9,1%	59,9%
Interior	438	436	620	700	701	811	1.006	899	5.611	40,7%	59,8%	28,2%	105,3%
Total	1.099	1.224	1.665	1.772	1.670	1.996	2.408	1.956	13.790	100,0%	61,2%	17,1%	78,0%

Período de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2018

Fontes consolidadas via Sistema Metadados: ITEP; DATASUS; SISOB; CIOSP, COINE e MPE

A visão criminal liga-se a análise dos instrumentos utilizados pelos perpetradores das CVLIs para a consecução dos mesmos. Em geral, utilizam-se as seguintes variáveis: arma ou meio empregado (principal); e arma ou meio empregado auxiliar (secundário). Em geral, seguindo a perspectiva nacional, a arma de fogo é, em absoluto, o principal instrumento.

TABELA 11 Conduas violentas letais intencionais por tipo de armamento ou meio empregado

O B V I O OBSERVATÓRIO DA VIOLÊNCIA DO RIO GRANDE DO NORTE													
Arma Ou Meio Empregado	Evolução Anual									Variação			
	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2011-2018	% Total	% 2011-2014	% 2015-2018	% 2011-2018
Arma De Fogo	1.033	1.023	1.410	1.514	1.404	1.741	2.132	1.771	12.028	87,2%	46,6%	26,1%	71,4%
Arma Branca	34	134	160	152	161	141	162	101	1.045	7,6%	347,1%	-37,3%	197,1%
Objeto Contundente	15	26	34	32	38	28	46	17	236	1,7%	113,3%	-55,3%	13,3%
Espancamento	9	26	30	35	23	46	32	29	230	1,7%	288,9%	26,1%	222,2%
Asfixia Mecânica Provocada	4	10	14	21	27	23	21	17	137	1,0%	425,0%	-37,0%	325,0%
Outros	4	5	17	18	17	17	15	21	114	0,8%	350,0%	23,5%	425,0%
Total	1.099	1.224	1.665	1.772	1.670	1.996	2.408	1.956	13.790	100,0%	61,2%	17,1%	78,0%

Período de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2018

Fontes consolidadas via Sistema Metadados: ITEP; DATASUS; SISOB; CIOSP, COINE e MPE

Quanto ao meio ou instrumento empregado, as CVLIs do RN apresentaram uma “surpresa”: o aumento da asfixia mecânica provocada, que foi de 325% no período de 2011 a 2018. Esta, seguida pelo aumento do espancamento, com crescimento de 222%, arma branca com aumento de 197% e arma de fogo com aumento de mais de 70% (usado na maioria absoluta das CVLIs) mostram que a dinâmica homicida segue os padrões nacionais, majoritariamente praticados com revólveres e pistolas, na maioria de fabricação nacional ou caseira. As demais formas, como o uso de objeto contundente, tiveram crescimento de 13%. Importa apontar que, na medida em que o acesso às armas de fogo aumenta, o uso desta se consolida como o meio mais utilizado na perpetração de CVLIs.

O controle de arma de fogo em voga, realizado pelo Estado em geral, não parece ser suficiente – apenas – para a diminuição dos CVLIS. Ao contrário do que defendem os simpáticos à ampliação do uso de armas de fogo, os dados apontam que isso pode levar a um aumento maior de mortes. A arma de fogo, ao contrário da arma branca ou do uso das mãos, permite um maior distanciamento no ato de matar. Não é a toa que é a arma usada por grupos de extermínio, pistoleiros, matadores de aluguel que, por sua vez, perfazem a ampla maioria dos CVLIS registrados.

As ações criminais, de acordo com seu tipo de ação letal empregado nas CVLIs, trazem informações que precisam ser tratados com maior consideração, conforme já alertamos em outros trabalhos. O Homicídio Doloso, sendo a Execução Sumária como

maior expoente, foi o tipo mais observado, correspondendo a quase 81% do total registrado (com aumento de 61% no período). Seguido de Lesão Corporal seguida de Morte (10% do total, com aumento de 42% no período), Ação Típica de Estado com 3,9% do total, mas representando o maior aumento (547%) e Latrocínio com apenas 3% do total dos CVLIs, mas com aumento de 2300% no período. Estes representam a quase totalidades dos tipos ocorridos no período analisado. Ao contrário do que se divulga na mídia “especializada” e no senso comum estabelecido, o tráfico de drogas e os envolvimento relacionados a ele não são tipos significativos. Embora, obviamente, se credite (sem provas científicas) as execuções sumárias a este tipo de conduta criminal.

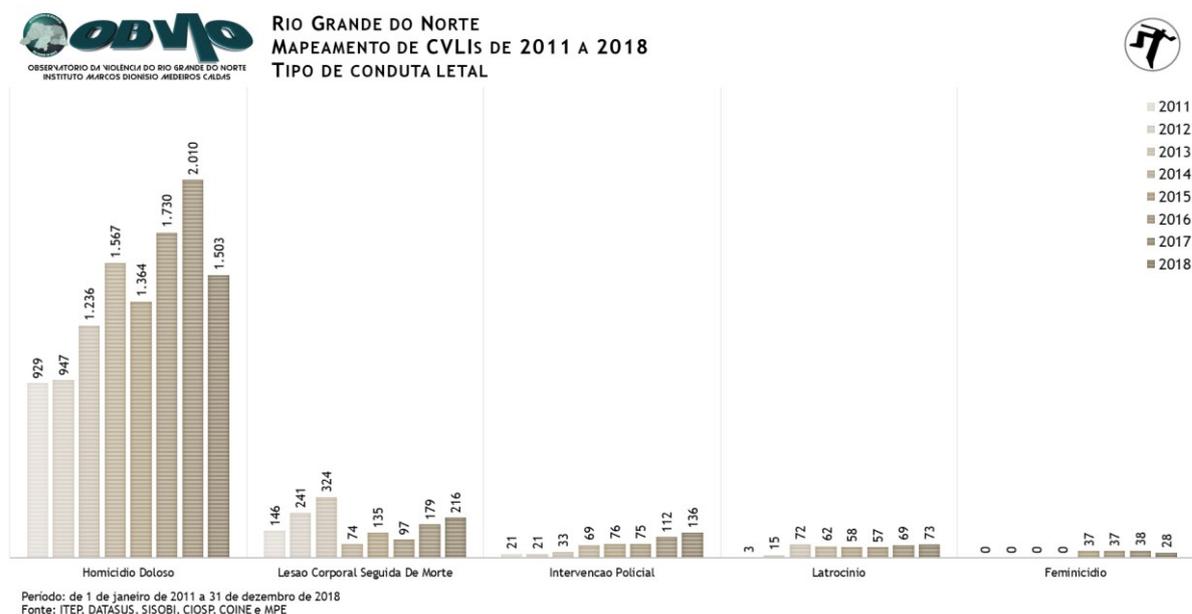
Quando tratamos do tema do homicídio no Nordeste do Brasil, não se pode inculir no erro de que o assunto esteja ligado apenas ao passado colonial ou imperial, ou mesmo, aos espaços rurais e ainda não “civilizados”. Temos indícios de que a violência homicida motivada pela vingança, pela “lavagem da honra”, seja esta individual ou grupal (mesmo hoje no caso de “gangues” ou facções) sempre foi marca presente, seja no sertão ou no litoral (PERES, SANTOS, 2005).

Um elemento sociológico presente, portanto, e passível de servir como elemento explicador no caso esboçado é a quebra de determinado status e noção de honra, tão grave que deve ser punida com sangue e morte. Certos membros de determinado estrato social estão provavelmente cômnicos, ao menos vagamente, de que instituições características como o duelo ou mesmo a vingança desempenham uma função específica em sua existência social como grupo, no que se refere à manutenção de seu status ou honra.

Não apenas a vingança do tráfico de drogas, este totalmente à margem do ordenamento jurídico e utilizador da violência como meio de imposição de sua práxis. Referimo-nos à prática de resolução de conflitos por meio “da bala” ou da “lambedeira” (faca peixeira), onde brigas de bares, discussões de trânsito ou qualquer outro conflito é resolvido com um homicídio. Este motivará outros mais, quando o ciclo da vingança se abre, com o resultado de guerras familiares e destruições que duram décadas (SOARES FILHO, A. ET AL, 2007).

Mesmo quando a ação repressora oficial está presente e quando os processos violentos empregados no exercício direto das próprias causas passam a ser vistos como processos censuráveis, permanece o uso da violência privada. A diferença hodierna para o período colonial e até o Império, é que hoje, o emprego privado da violência, mesmo sem a perder o seu cunho tradicional de “coisa legítima”, se confunde com a criminalidade, socialmente execrável e que deve ser combatida. O vingador não é mais um homem honrado, mas um bandido a ser preso e condenado.

GRÁFICO 06 Condutas violentas letais intencionais por tipo de conduta letal



Mais do que arcaísmos que permanecem, esses fenômenos se reciclam. Não é surpresa que, mesmo hoje, o símbolo “cultural turístico” mais presente da Cidade de Mossoró – por exemplo - seja o Cangaceiro Lampião, bandido sertanejo, assassino contumaz, esturpador, saqueador e bandoleiro. Numa cidade onde o homicídio motivado por vingança atinge níveis alarmantes, é um importante indicador significativo essa referência. Fala sobre a valentia, a presença ainda da ideia de que a honra ultrajada deve ser lavada com sangue (MELLO, 2011).

O fato de que a “retaliação” e os chamados “motivos fúteis” serem a imensa maioria dos condicionadores do comportamento homicida no RN, por si só, aponta mais do que nunca para uma interação significativa entre a chamada “vingança homicida” (tratada anteriormente) e a banalização do comportamento violento em termos de sociabilidade.

Longe, muito e muito longe do que afirma a “mídia” e mesmo certo discurso policial (que não passou pelo critério da empiria investigativa e a corroboração dos dados), o “envolvimento com drogas” é minoria no RN. Ao invés disso, temos sim, o fator da dinâmica da “guerra contra o tráfico” e suas conseqüentes inter-relações, que precisam ser mais cuidadosamente investigadas. Há um ciclo mortal de vingança homicida (retaliação) que aponta para mais da metade das CVLIs do RN. Este ciclo precisa ser compreendido e, quanto às políticas públicas na área, trabalhado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste sentido, ao tratarmos das macrocausas da violência homicida no RN, é significativo, antes, traçarmos alguns parâmetros norteadores de nossa análise. A violência deve ser concebida inicialmente enquanto uma das condições básicas da sobrevivência do homem (num ambiente natural hostil). Os primeiros ajuntamentos humanos devem ter sido formas de reação ao medo. Certamente surgiram da ideia central de que, os homens vivendo bem próximos, poderiam apoiar-se mutuamente e solidarizar-se ante os perigos que vinham de fora dos grupos. Noutro momento, a violência torna-se

uma decorrência da maneira pela qual o homem passa a organizar sua vida social (seus medos, anseios, etc.).

Nas periferias e favelas a violência, impedida de ser isolada, se torna cotidiana e familiar, onde a única arma contra a mesma é permitir que a promiscuidade e o hábito tecessem redes de conformismo. Hoje se convive com uma “naturalidade” fatalista acerca da convivência entre a riqueza e a pobreza, como se essas fossem uma condição necessária do modo de ser da sociedade humana.

A violência é eminentemente social. Mas aqui, por violência social, referimo-nos a atos que atingem determinados grupos sociais ou segmentos específicos. Daí que, cada sociedade pratica determinadas modalidades específicas de violência, de acordo com sua cultura e modelo societário. Pobreza, mortalidade infantil, baixíssimos índices educacionais, analfabetismo, falta de saneamento básico, favelização, precarização da saúde, desemprego, etc., são exemplos dessa modalidade de violência.

Levando em conta seus números de habitantes, as cidades modernas podem ser vistas como pequenos espaços para tanta gente, concentrando tanto as relações humanas que acabam levando-as ao seu ponto de atrito e hostilidade. A ansiedade e o medo resultam do sentimento de impotência, de fragilidade. O ser humano cheio de aspirações e sem nenhum poder de realizá-las, torna-se, de uma ou outra forma, violento. Torna-se hostil. E, quanto mais impotente, maior será a brutalidade da sua violência. Daí porque, em áreas periféricas, onde reina a pobreza, o grau de impotência imposto a essas populações acua-os tal forma que, em certos momentos, só os atos de violência se apresentam para eles como alternativa de liberação e sobrevivência. Ex: apedrejamento de meios de transporte público e linchamento.

Em relação ao tópico anterior, as macrocausas corroboram a questão fundamental de que as CVLIs praticados no RN, em boa parte, estão ligadas à um sistema retroalimentador de execuções sumárias e crimes de vingança. Interligados pela dinâmica da operatividade da criminalidade que se liga ao tráfico de entorpecentes e seus “combates” e, ao mesmo tempo, a inoperância elucidativa dos crimes de morte, que fazem com que o elemento “impunidade”, no fenômeno em questão, seja uma “macrocausa oculta”, como apontou em seu estudo Soares Filho e Miranda (2006).

Os “crimes de encomenda” perfazem – ousamos apontar mais uma vez - mais da metade dos CVLIs, demonstrado pelo *modus operandi* do processo, tipo de arma utilizada e forma da execução. Ao mesmo tempo, longe de apenas atribuir a nossa violência homicida ao “tráfico” e às “facções”, é significativo mostrar que um terço do total das CVLIs está ligado à “violência interpessoal”, e os demais 20% a outras formas de violência que, como mostram as tabelas abaixo, tiveram um aumento gigantesco: violência homicida decorrente do sistema prisional, decorrente da violência doméstica e patrimonial.

Em termos de macrocausas, importa apontar que em geral, são considerados seis indicadores no Brasil, sendo eles: indicador de taxa de efetivo policial (por 100 mil habitantes); taxa de encarceramento; taxa de efetivo da segurança privada; indicador da taxa de consumo de drogas ilícitas; indicador da taxa de consumo de bebidas alcoólicas; e indicador da prevalência de armas de fogo.

A violência letal representa uma tragédia para o Brasil e para o RN, notadamente nas últimas três décadas. Mesmo assim, ainda hoje muito pouco se sabe para compor um quadro que permita a compreensão dos fatores que impulsionaram a sua dinâmica regular e sistemática.

Dentre as macrocausas mais significativas, temos a questão do efetivo policial, as taxas de encarceramento e a situação do sistema prisional, a prevalência de armas de fogo

como elementos absolutos nos atos homicidas, a questão do tráfico de drogas ilícitas e a ingestão de bebidas alcoólicas, entre outros.

Enquanto a segurança privada foi se tornando acessível para os mais abastados, isso terminou por aumentar a probabilidade de predação da propriedade dos mais pobres. Hoje, mais do que nunca, a capacidade do governo de prover segurança pública eficaz é relativamente baixa e limitada.

TABELA 12 - Ranking de condutas violentas letais intencionais por município do Rio Grande do Norte

OBVIO OBSERVATÓRIO DA VIOLÊNCIA DO RIO GRANDE DO NORTE			
RANKING DE CVLI POR NÚMERO ABSOLUTO EM NATAL			
Municípios	Total de vítimas	(%) Absoluta	Nível
Natal	4.236	30,7%	A
Mossoro	1.566	11,4%	B
Parnamirim	1.014	7,4%	C
Sao Goncalo Do Amarante	665	4,8%	D
Macaiba	581	4,2%	D
Ceara-Mirim	510	3,7%	D
Sao Jose De Mipibu	323	2,3%	D
Extremoz	281	2,0%	D
Caico	214	1,6%	E
Nisia Floresta	208	1,5%	E
Barauna	193	1,4%	E
Assu	183	1,3%	E
Joao Camara	146	1,1%	E
Santa Cruz	132	1,0%	E
Restante	3.538	25,7%	F

Período de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2018

Fontes consolidadas via Sistema Metadados: ITEP; DATASUS; SISOBI; CIOSP, COINE e MPE

Na contrapartida dos estados tradicionalmente mais violentos – caso de São Paulo – que conseguiram diminuir suas taxas de CVLIs, verificamos que estados outrora mais calmos, como o Rio Grande do Norte (entre outros do Nordeste, por exemplo) passaram a sofrer um expressivo aumento da violência homicida.

O estudo dos municípios motores da violência no estado do Rio Grande do Norte foi baseado num critério analítico-estatístico que considerou os índices de violência letal do período 2011-2018, separando e classificando aqueles que contribuíram com vitimização acima de 1% para o cômputo geral dos homicídios registrados, conforme apresentamos anteriormente.

Dentre os municípios que se destacam no mapa da criminalidade violenta intencional estadual apresentado na tabela acima, consideramos cinco níveis de contribuição para a criminalidade homicida em geral. Natal contribuiu com 30,7% (A), Mossoró com 11,4% (B) e Parnamirim com 7,4% (C), portanto, esses três capitaneiam os índices de letalidade intencional.

Além desses, outros municípios foram classificados como nível D, pois apresentam uma contribuição para a criminalidade geral entre 1% e até 5%. São eles: São Gonçalo do Amarante, Macaíba, Ceará-Mirim, São José de Mipibu, Extremoz, Caicó, Nísia Floresta, Baraúna, Assú, João Câmara e Santa Cruz. O restante dos municípios foi considerado nível E por estarem abaixo de 1% de contribuição.

TABELA 13 - Zonas de vulnerabilidade

OBVIO OBSERVATÓRIO DA VIOLÊNCIA DO RIO GRANDE DO NORTE				
Zonas de Vulnerabilidade				
Nº	Tipo de Ocupação do Solo	Total de vítimas	(%) Absoluto	(%) Acumulado
Região Metropolitana (6 municípios)				
1	Periferia	950	45%	45%
2	Central	405	19%	65%
3	Distrital	113	5%	70%
4	Litoral Norte	109	5%	75%
5	Litoral Sul	15	1%	76%
6	Urbana	4	0%	76%
Região Metropolitana Total		1.596	76%	
Interior (5 municípios)				
1	Urbana	179	9%	85%
2	Rural	129	6%	91%
3	Central	71	3%	94%
4	Oeste	66	3%	97%
5	Norte	36	2%	99%
6	Leste	14	1%	100%
7	Sul	7	0%	100%
8	Periferia	1	0%	100%
Interior Total		504	24%	
14	Total	2.100	100%	

Período de 01 de janeiro a 31 de dezembro de 2018

Fontes consolidadas via Sistema Metadados: ITEP; DATASUS; SISOBI; CIOSP, COINE e MPE

Foram mapeados 306 bairros e/ou localidades dos 11 municípios, sendo 6 pertencentes à Região Metropolitana de Natal – RMN – (São Gonçalo do Amarante, Macaíba, Ceará-Mirim, São José de Mipibu, Extremoz e Nísia Floresta) e 5 do interior do estado (Caicó, Baraúna, Assú, Santa Cruz e João Câmara). Essas localidades foram divididas de acordo com as características da ocupação do solo para se determinar onde existe maior e menor vulnerabilidade.

Os homicídios ocorreram em 76% nos municípios da Região Metropolitana e 24% no interior. Esses números mostram que mesmo sendo concentradora de mais políticas públicas de segurança e maior policiamento, a RMN possui altos índices que parecem não condizer com a afirmação de que “polícia nas ruas”, de forma isolada e sem estratégias integradas é capaz de resolver ou dar um freio na violência homicida e outros crimes.

REFERÊNCIAS

1. BRANDÃO, Thadeu de Sousa, COSTA, Jean Henrique. Um olhar sobre a violência homicida em Mossoró, RN, Brasil e sua relação com o turismo de eventos. IN: **Turydes**: Revista Turismo Y Desarrollo Local, Málaga, Vol. 08. N. 18 (Jun/Jul), 2015.
2. HERMES, Ivenio, CALDAS, Marcos Dionísio. **Metadados 2013**: Análises da Violência Letal Intencional no Rio Grande do Norte. 2. Ed. Natal: Saraiva, 2014. 145 p.
3. MELLO, Frederico Pernambucano. **Guerreiros do Sol**: violência e banditismo no Nordeste do Brasil. Prefácio de Gilberto Freyre. 5.ed. São Paulo: A Girafa, 2011.

4. PERES, M., SANTOS, Patrícia Carla. Mortalidade por homicídios no Brasil na década de 90: o papel das armas de fogo. IN: **Revista de Saúde Pública**, São Paulo , n. 39(1), p. 58-66, 2005.
5. SOARES FILHO, A. ET AL. Análise da mortalidade por homicídios no Brasil. IN: **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, 16 (1), p. 7-18, 2007.
6. SOARES, Gláucio Ary Dillon, MIRANDA, Dayse, BORGES, Dorian. **As vítimas ocultas da violência na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2006.
7. WAISELFISZ, Julio Jacob. **Mapa da Violência 2015**: mortes matadas por armas de fogo. Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos; FLACSO: Rio de Janeiro, 2016.